



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Gabriel Herculano Ariston Rodrigues da Silva

**A indústria cultural em Adorno e o mito do consumo como expressão de
racionalidade**

Florianópolis

2025

GABRIEL HERCULANO ARISTON RODRIGUES DA SILVA

**A indústria cultural em Adorno e o mito do consumo como expressão de
racionalidade**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa

Florianópolis

2025

Silva, Gabriel Herculano Ariston Rodrigues da
A indústria cultural em Adorno e o mito do consumo como
expressão da racionalidade / Gabriel Herculano Ariston
Rodrigues da Silva ; orientador, Armando de Melo Lisboa,
2025.
32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Socioeconômico, Graduação em Ciências Econômicas,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Indústria Cultural. 3.
Consumo. 4. Racionalidade. 5. Kitsch. I. Lisboa, Armando
de Melo. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

Gabriel Herculano Ariston Rodrigues da Silva

A indústria cultural em Adorno e o mito do consumo como expressão de racionalidade

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Econômicas.

Florianópolis, 02 de dezembro de 2025.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Armando de Melo Lisboa, Dr.

Orientador

Prof.(a) Daniel Vasconcelos, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Sandra Heloisa Pisa Bazzanella

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por, entre outras coisas, a conversa que originou a ideia desta tese.

Ao meu pai pelo exemplo do que um homem deve ser.

Ao meu irmão pelas *budweisers* compartilhadas ao longo do trajeto.

Ao professor Armando de Melo Lisboa por me emprestar sua erudição e tentar me afastar de pensamentos levianos.

Entusiasmar-se por Schiller significa adaptar-se ao esperado e entregar um ensaio entusiasmado sobre a Donzela de Órleans apenas para passar de ano sem problemas

— Theodor W. Adorno

RESUMO

Este trabalho desenvolve uma crítica à racionalidade econômica e ao consumo na modernidade tardia a partir da tradição teórica da Escola de Frankfurt, com ênfase no pensamento de Theodor W. Adorno. O estudo, em desacordo com a escola ortodoxa, propõe compreender o consumo não como expressão de uma escolha racional, mas como fenômeno sócio-histórico, estruturado por mecanismos da dominação. As críticas à racionalidade instrumental e à indústria cultural desvelam a estetização empobrecida da vida cotidiana e a mercantilização da experiência, nas quais o desejo e as aspirações são capturados pela lógica da equivalência. A partir de Adorno, o *kitsch* aparece como forma estética degradada que converte a contradição em conciliação ilusória. O trabalho, ao integrar filosofia e economia, formula uma análise dialética do consumo que expõe a contradição presente na expressão da individualidade a partir de signos culturais reificados. Conclui-se que o pensamento dialético permanece como possibilidade crítica de resistência à sistemas metafísicos fechados que busquem explicar o consumo de forma estritamente matemática.

Palavras-chave: Adorno; Indústria Cultural; Consumo; Racionalidade.

ABSTRACT

This thesis develops a critique of economic rationality and consumption in late modernity based on the theoretical tradition of the Frankfurt School, with emphasis on the thought of Theodor W. Adorno. In contrast to the orthodox school, the study seeks to understand consumption not as an expression of rational choice but as a socio-historical phenomenon structured by mechanisms of domination. The critiques of instrumental rationality and the culture industry reveal the impoverished aestheticization of everyday life and the commodification of experience, in which desire and aspirations are captured by the logic of equivalence. From Adorno's perspective, kitsch emerges as a degraded aesthetic form that turns contradiction into illusory reconciliation. By integrating philosophy and economics, the work formulates a dialectical analysis of consumption that exposes the contradiction inherent in the expression of individuality through reified cultural signs. It concludes that dialectical thought remains a critical possibility of resistance to closed metaphysical systems that seek to explain consumption in strict mathematical terms.

Keywords: Adorno; Culture Industry; Consumption; *Kitsch*; Rationality.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	O DOGMATISMO DA RACIONALIDADE NA CIÊNCIA ECONÔMICA	13
3.	ESCOLA DE FRANKFURT E A PÓS-MODERNIDADE.....	19
4.	<i>KITSCH</i> E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ESTÉTICA.....	23
5.	DIALÉTICA DO CONSUMO	27
6.	CONCLUSÃO.....	30
7.	REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea encontra-se profundamente marcada pela lógica do consumo. Mais do que uma prática econômica, o ato de consumir tornou-se uma experiência simbólica central na constituição do sujeito moderno. Objetos, serviços, imagens e estilos de vida são consumidos não apenas por sua utilidade, mas por aquilo que representam social e subjetivamente. Entretanto, a experiência do consumo nem sempre resulta em satisfação ou plenitude. Ao contrário, frequentemente parece estar atravessada por um sentimento de vazio, de repetição estéril, de desejo que nunca se realiza por completo.

Essa dinâmica não é contingente, mas expressão de um processo sistemático de conformação induzida da subjetividade. Como indicou Theodor W. Adorno, a cultura de massas constitui um dispositivo de padronização simbólica, no qual o próprio ato de desejar é capturado previamente pela lógica da mercadoria. O indivíduo não escolhe livremente; mas entre alternativas previamente filtradas, estetizadas e conciliadas com a ordem vigente. A experiência cotidiana é estetizada sob a forma da mercadoria, que transforma até o íntimo do sujeito — seus gostos, afetos e aspirações — em conteúdos pré-formatados, intercambiáveis, facilmente reconhecíveis e consumíveis¹.

Todavia, na tradição ortodoxa o comportamento do consumidor é concebido como a expressão de uma racionalidade plena, capaz de ordenar preferências de forma estável e consistente. O indivíduo é entendido como agente autônomo, dotado de informação perfeita e orientado pela maximização da utilidade. Formalmente esse comportamento é modelado como um problema de otimização: o consumidor escolhe a combinação de bens que maximiza sua utilidade, sujeita à restrição orçamentária imposta por sua renda e pelos preços de mercado dos bens. Esse problema é comumente resolvido por meio do método do multiplicador de Lagrange, que permite determinar, com rigor matemático, as escolhas ótimas do agente racional diante da escassez.

Trata-se de um modelo elegante, internamente consistente e intelectualmente sedutor — justamente por sua capacidade de traduzir decisões humanas em equações bem-comportadas. No entanto, sua beleza formal repousa sobre

¹ ADORNO, Theodor W. O esquema da cultura de massas. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 155–207 .

pressupostos que, ao serem naturalizados, obscurecem as complexidades reais do consumo. Ao ensinar que o consumidor é, antes de tudo, um otimizador de escolhas, a teoria ortodoxa desconsidera as mediações históricas, culturais e psíquicas que moldam o desejo, a identidade e o valor atribuído aos bens.

Mais do que uma representação abstrata do comportamento, esse modelo desempenha uma função normativa na formação dos economistas: ao reduzir o consumo a uma função matemática, a ortodoxia desativa o potencial crítico da análise econômica e contribui para a reprodução de uma visão empobrecida da experiência humana. O consumo, nesse enquadramento, deixa de ser objeto de indagação filosófica ou social — tornando-se apenas uma equação em um sistema de equilíbrio.

A abordagem deste trabalho fundamenta-se na tradição crítica da Escola de Frankfurt, cujas reflexões sobre a racionalidade instrumental e a indústria cultural possibilitam compreender o consumo como método de dominação na modernidade tardia. A partir da dialética negativa adorniana, adota-se uma concepção de razão que recusa a reconciliação e insiste na não-identidade entre sujeito e objeto, revelando a dimensão contraditória da experiência social. Essa perspectiva é complementada por leituras de Walter Benjamin, que explicita a transformação da experiência estética em experiência de massa, e de Freud, que ilumina os mecanismos psíquicos de adaptação e repetição que estruturam o desejo. Em contraponto, recupera-se a tradição ortodoxa representada por Walras, Marshall, Pareto e Friedman, na qual a racionalidade é reduzida à consistência formal das preferências e à previsibilidade do comportamento.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é compreender o fenômeno do consumo sob um viés construído, principalmente, a partir da tradição crítica da Escola de Frankfurt, em especial Adorno; questionando suas motivações e seus efeitos subjetivos e sociais. Os objetivos específicos são:

- i. apresentar, a partir das ideias desenvolvidas pela ortodoxia, uma crítica ao dogmatismo da racionalidade econômica, problematizando a naturalização de preferências e a redução do comportamento humano a consistências formais de escolha;
- ii. apresentar os fundamentos teóricos da Escola de Frankfurt que explicam a emergência da experiência moderna, entendida como a transformação histórica da forma de vivência, percepção e sensibilidade do sujeito sob a racionalidade instrumental, a técnica e os mecanismos culturais da modernidade;

iii. investigar, a partir da teoria estética de Theodor W. Adorno, como essa experiência moderna — marcada pela padronização da sensibilidade — se converte, no consumo contemporâneo, em prática simbólica esvaziada, caracterizada pela superficialidade, pela repetição de formas culturais administradas e pela negação da experiência estética autêntica;

iv. discutir, de forma dialética, uma teoria crítica do consumo.

Para tal, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada exclusivamente em fontes bibliográficas, com o objetivo de compreender os fundamentos simbólicos e sociais do consumo no contexto contemporâneo. Parte-se de uma leitura crítica de obras centrais nas ciências sociais e na filosofia, priorizando a construção conceitual e argumentativa por meio da interpretação e articulação interna dos conceitos desenvolvidos pelos autores selecionados.

Não se pretende realizar verificações empíricas, tampouco propor generalizações ou modelos formais. A análise textual busca evidenciar as relações teóricas entre os diferentes autores e, a partir delas, oferecer uma resposta fundamentada ao problema de pesquisa. Dadas as limitações de tempo e escopo inerentes a um trabalho de conclusão de curso, a seleção teórica será necessariamente restrita, priorizando autores cujas contribuições estejam diretamente vinculadas aos eixos centrais da investigação. Essa delimitação, embora reduza a abrangência do referencial, permite um aprofundamento analítico que assegura consistência ao desenvolvimento do argumento proposto.

2. O DOGMATISMO DA RACIONALIDADE NA CIÊNCIA ECONÔMICA

Talvez o fantástico Robinson Crusóe nunca tenha sido algo mais que um modelo de homo economicus, apartado do sistema social burguês em virtude de um feliz naufrágio somente para reproduzi-lo por suas próprias forças

— Theodor W. Adorno

A virada epistemológica proposta por Milton Friedman no século XX consolidou uma forma peculiar de positivismo na ciência econômica. Em *The Methodology of Positive Economics*, originalmente publicado em 1953, Friedman sustenta que o objetivo da economia é formular teorias capazes de produzir previsões corretas, independentemente da razoabilidade de suas premissas. Essa segregação entre a coerência empírica dos resultados e a plausibilidade das hipóteses conferiu à teoria econômica um estatuto instrumental, no qual a utilidade preditiva substituiu o compromisso explicativo². A denominada economia ortodoxa passa, assim, a reivindicar o mesmo rigor das ciências naturais, convertendo-se em uma ciência positivista, supostamente neutra em relação a valores e juízos normativos. O que está em jogo, porém, é menos a neutralidade e mais a redefinição da própria ideia de verdade: o conhecimento econômico deixa de ser compreendido como uma interpretação do real e passa a ser julgado pela eficiência de seus meios. A metodologia friedmaniana, ao privilegiar o êxito da previsão sobre a fidelidade descritiva, institui uma forma de racionalidade que dissolve o conteúdo qualitativo do fenômeno em favor de sua reprodutibilidade formal — deslocamento central para a constituição da racionalidade ortodoxa moderna.

A consolidação da teoria do consumo como defendida pela ortodoxia encontra-se nas formulações de Alfred Marshall e Vilfredo Pareto, que reduzem o indivíduo a unidade analítica de escolha. Em *Principles of Economics*, Marshall³ define a economia como o estudo do homem “nos negócios ordinários da vida”, orientado por motivações essencialmente mensuráveis em termos monetários. O dinheiro, tomado como numerário, converte fins qualitativamente distintos em grandezas homogêneas, permitindo representar preferências e decisões por meio de curvas de

² FRIEDMAN, Milton. *The Methodology of Positive Economics*. In: *Essays in Positive Economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1953, p. 146–147.

³ MARSHALL, Alfred. *Principles of Economics*. 8. ed. London: Macmillan and Co., 1920, p. 6.

demanda. A teoria da utilidade marginal, apresentada por Marshall⁴, introduz uma relação inversa entre preço e quantidade demandada: quanto maior o consumo de um bem, menor a utilidade adicional obtida. Essa formulação legitima a inclinação negativa da curva de demanda e, simultaneamente, estabelece uma medida aproximada do sacrifício pecuniário que o agente estaria disposto a suportar diante de variações de preço. Nesse enquadramento, o consumidor é racional porque responde consistentemente a incentivos de mercado — uma racionalidade de natureza instrumental, que submete as motivações subjetivas ao cálculo monetário e à constância marginal da utilidade do numerário em variações pequenas de renda.

Pareto radicaliza essa formalização ao eliminar toda referência psicológica da teoria da escolha. No *Manual of Political Economy*, o autor propõe substituir a utilidade cardinal marshalliana pela *ophélimité* ordinal, bastando a ordenação das preferências para descrever o comportamento do consumidor⁵. A curva de indiferença passa a representar todas as combinações de bens que produzem o mesmo nível de satisfação, e a escolha racional consiste em alcançar, sob restrição orçamentária, o ponto de tangência entre a curva de indiferença mais alta e a linha de orçamento — onde a taxa marginal de substituição iguala a razão entre os preços⁶. A racionalidade, assim, é reduzida à consistência formal das preferências: o consumidor é considerado racional não porque pensa ou pelo que deseja, mas porque suas escolhas obedecem à lógica da teoria da escolha racional.

Em suma, a racionalidade do consumidor, em chave ortodoxa, emerge da convergência entre Marshall e Pareto: do primeiro, herda-se a possibilidade de representar numericamente o desejo; do segundo, a purificação lógica que o liberta de qualquer conteúdo psicológico.

Em Walras⁷, essa racionalidade individual adquire um papel sistêmico: as decisões de consumo, agregadas ao comportamento das firmas, compõem o equilíbrio geral competitivo, em que preços e quantidades se ajustam simultaneamente. O modelo walrasiano fornece a moldura formal na qual o

⁴ MARSHALL, Alfred. *Principles of Economics*. 8. ed. London: Macmillan and Co., 1920, p. 78–81.

⁵ PARETO, Vilfredo. *Manual of Political Economy*. New York: Augustus M. Kelley, 1971, p. 135–139.

⁶ PARETO, Vilfredo. *Manual of Political Economy*. New York: Augustus M. Kelley, 1971, p. 119.

1. ⁷ WALRAS, Léon. *Elements of Theoretical Economics: or the Theory of Social Wealth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 118–132.

consumidor racional se torna elemento do sistema — não um sujeito histórico, mas uma função matemática de compatibilidade. É essa gramática conceitual que Friedman herdará e instrumentalizará, reduzindo a racionalidade a simples condição de previsibilidade.

O núcleo da epistemologia friedmaniana encontra-se na defesa de que as hipóteses econômicas não precisam ser realistas para que as teorias sejam válidas. O que importa, segundo o autor, é que “as previsões sejam suficientemente precisas” e que “os fenômenos se comportem como se as premissas fossem verdadeiras”⁸. Essa é a essência de seu argumento do *as if*: agentes econômicos são tratados como se maximizassem lucros ou utilidade, mesmo que não o façam conscientemente. Friedman ilustra o ponto com analogias darwinistas — o jogador de sinuca que joga como se calculasse trajetórias matemáticas, ou o empresário que sobrevive no mercado como se fosse um agente racionalmente maximizador⁹. A racionalidade econômica, portanto, não é mais tratada como atributo dos sujeitos, mas convertida em propriedade axiomática do modelo, garantido por um suposto processo de seleção natural. Essa analogia darwinista confere ao mercado um estatuto quase ontológico: o irracional desapareceria por eliminação competitiva, restando apenas os comportamentos “eficientes”. O efeito epistemológico desse raciocínio é o colapso da realidade empírica em um formalismo autorreferente, no qual a correspondência entre teoria e mundo é substituída pela coerência interna das previsões. Ao operar essa redução, Friedman formula um método que se ajusta à própria patologia performativa da disciplina — uma ciência que não explica o real, mas o reconfigura de acordo com suas próprias abstrações.

A concepção instrumental de Friedman desloca a economia do campo da explicação para o da performance preditiva, instaurando uma ruptura epistemológica de grandes proporções. Ao afirmar que uma hipótese deve ser julgada apenas “pela precisão, escopo e conformidade com a experiência de suas previsões”¹⁰, o autor abdica de qualquer compromisso ontológico com o objeto de estudo. O real deixa de

⁸ FRIEDMAN, Milton. The methodology of positive economics. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 153.

⁹ FRIEDMAN, Milton. The methodology of positive economics. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 157–158.

¹⁰ FRIEDMAN, Milton. The methodology of positive economics. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 148.

ser uma instância a ser compreendida e passa a ser um laboratório de confirmação estatística. Essa operação confunde o critério de verdade com o de eficiência: uma teoria é considerada “boa” não porque explica adequadamente o fenômeno, mas porque gera resultados úteis e replicáveis. O problema é que, ao privilegiar a acurácia preditiva sobre a coerência causal, Friedman legitima uma ciência econômica que pode estar empiricamente correta e, ao mesmo tempo, conceitualmente falsa — uma ciência que acerta o efeito, mas desconhece o motivo. Ao invocar a Navalha de Occam como critério decisório entre modelos igualmente compatíveis com os dados, o autor reduz a complexidade do social à economia de hipóteses, convertendo a simplicidade em valor epistemológico¹¹. No limite, a metodologia positiva transforma a própria realidade em variável dependente do modelo: as previsões se confirmam porque os fenômenos foram previamente definidos segundo as categorias da teoria.

Friedman sustenta que “quanto mais significativa for uma teoria, mais irrealistas serão suas hipóteses”¹², pois a abstração seria condição de universalidade. No entanto, ao elevar o irrealismo metodológico à categoria de virtude científica, o autor elimina a possibilidade de que as premissas revelem algo sobre o processo real de formação das condutas. O *homo economicus* não é mais um tipo ideal que abstrai certos aspectos da ação humana, mas um mecanismo lógico que prescreve o comportamento esperado. O argumento darwinista de seleção competitiva, segundo o qual apenas as firmas e agentes que se comportam *como se* maximizassem sobrevivem, estende essa lógica à totalidade do campo econômico¹³. Nesse ponto, o método friedmaniano converte-se em ideologia: a realidade é aceita apenas enquanto confirma a teoria. O social desaparece na eficiência, e o indivíduo é reduzido à função de adaptação ótima em um ambiente que, paradoxalmente, é definido pela própria teoria que o descreve. O resultado é uma economia sem sujeito e uma racionalidade sem razão.

A persistência da ortodoxia, mesmo diante de suas limitações explicativas, revela que seu êxito não deriva da correspondência entre teoria e realidade, mas de

¹¹ FRIEDMAN, Milton. The methodology of positive economics. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 150.

¹² FRIEDMAN, Milton. *The methodology of positive economics*. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 153.

¹³ FRIEDMAN, Milton. *The methodology of positive economics*. In: HAUSMAN, Daniel M. (ed.). *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 158.

um mecanismo reflexivo de autopreservação. A noção de reflexividade, formulada por George Soros em *The Alchemy of Finance*, permite compreender essa dinâmica. Segundo Soros¹⁴, as crenças dos agentes econômicos não apenas refletem o estado do mundo, mas o constituem: as percepções influenciam os acontecimentos, e os acontecimentos, por sua vez, reforçam as percepções. As expectativas moldam os preços, as políticas e os comportamentos que, depois, parecem confirmar as próprias expectativas iniciais. Essa circularidade produz um campo autorreferente em que a distinção entre fundamento e crença se dissolve.

A metodologia positiva de Friedman, ao privilegiar o sucesso preditivo, participa desse mesmo circuito reflexivo. Quando governos, instituições financeiras e agentes adotam decisões baseadas na hipótese de racionalidade e no ideal de equilíbrio, criam as condições para que tais hipóteses pareçam empiricamente verdadeiras. A economia ortodoxa não descreve o comportamento do consumidor — ela o normatiza, oferecendo o modelo de conduta que o próprio sistema exige para funcionar. Desse modo, o princípio de racionalidade deixa de ser uma hipótese explicativa e torna-se uma profecia autorrealizável, cuja validade repousa na adesão dos próprios agentes ao modelo que os descreve. A ortodoxia sobrevive, portanto, porque é performativa: molda o campo que pretende apenas observar. Como observa Soros¹⁵, “a realidade social é maleável: aquilo que os homens acreditam ser verdadeiro tende a se tornar verdadeiro nas consequências de sua crença”. É nesse sentido que a racionalidade econômica se converte em dispositivo de autorreferência institucional, capaz de reproduzir indefinidamente o mesmo paradigma sob o disfarce da neutralidade científica.

A crítica a epistemologia friedmaniana não pretende negar a legitimidade de modelos abstrativos na economia, mas recuperar o vínculo entre teoria e realidade. Ao reduzir a racionalidade a uma função preditiva e o comportamento do consumidor a uma constante metodológica, a ortodoxia abdica da tarefa de compreender as determinações sociais do desejo. O problema não é a abstração em si, mas a abstração que se torna naturalizada — aquela que toma por dado o que é, na verdade, resultado de um processo histórico de formação de necessidades e valores. A

¹⁴ SOROS, George. *The Alchemy of Finance: Reading the Mind of the Market*. New York: Simon & Schuster, 1987, p. 37–40.

¹⁵ SOROS, George. *The Alchemy of Finance: Reading the Mind of the Market*. New York: Simon & Schuster, 1987, p. 50–51.

racionalidade formal, ao eliminar a gênese psicossocial da demanda, converte o consumo em simples resposta ao preço, apagando o trabalho simbólico, cultural e afetivo que estrutura as escolhas.

O indivíduo pós-moderno, moldado pela lógica da eficiência e pela estética do mercado, passa a agir conforme padrões de previsibilidade e padronização que a própria teoria econômica ajudou a instituir. Compreender o consumo no capitalismo tardio exige, portanto, uma inflexão metodológica: substituir o positivismo pela dialética, na qual a razão é entendida em sua ambiguidade — simultaneamente emancipa e doutrina. A tarefa não é apenas modelar o comportamento do consumidor, mas contextualizá-lo, reconhecendo que as preferências são produzidas, administradas e estetizadas. A análise do consumo deve, assim, situar-se entre economia e cultura, interrogando como a racionalidade econômica se converte em forma de vida.

3. ESCOLA DE FRANKFURT E A PÓS-MODERNIDADE

Acaba que quanto mais tetricamente impressionante é a abordagem do tópico que você escolhe, mais as pessoas já andaram lá antes de você deixando pegadas em que você tem que pisar e os seus artigos obscuramente tipo revista-acadêmica para você tentar absorver e, tipo, sintetizar. Struck está nessa há mais de uma hora, e as suas sacadas originais diminuíram consideravelmente.

— David Foster Wallace¹⁶

Percebe-se, no interior do pensamento social moderno, uma tensão entre a pretensão de objetividade das ciências humanas e a historicidade concreta de seus objetos. A teoria econômica, ao adotar o indivíduo racional como unidade elementar de análise, abstrai as determinações históricas, culturais e psíquicas que conformam o sujeito. Tal abstração, que sustenta o ideal de neutralidade e formalismo metodológico, esvazia a compreensão do homem enquanto ser social, reduzindo-o à função de cálculo e escolha. O mérito da Escola de Frankfurt nasce da recusa a essa redução, propondo uma crítica que restitui ao sujeito sua densidade histórica. Nessa perspectiva, o indivíduo não é ponto de partida, mas produto de formas sociais determinadas, de processos de racionalização e de dispositivos de dominação que moldam sua consciência¹⁷. O projeto frankfurtiano, ao reintroduzir a mediação entre economia, cultura e psicologia, denuncia o caráter ideológico de toda concepção de racionalidade que se apresente como universal e neutra, apontando que tal racionalidade, longe de emancipar, tende a converter-se em instrumento de administração da vida¹⁸.

A consolidação da chamada teoria crítica ocorreu a partir da direção de Max Horkheimer no *Institut für Sozialforschung*, em 1930, momento em que o grupo rompeu de forma definitiva com o marxismo ortodoxo e com o positivismo sociológico¹⁹. Horkheimer, ao lado de, notadamente, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Erich Fromm, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal e Friedrich Pollock, buscou desenvolver um programa de pesquisa que integrasse filosofia, sociologia, psicologia

¹⁶ WALLACE, David Foster. *Graça infinita*. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 1104.

¹⁷ JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 317-347.

¹⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 17-52.

¹⁹ JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 83-133.

e economia política, capaz de apreender a totalidade social em suas dimensões materiais e simbólicas. Essa orientação representava uma autocrítica ao marxismo economicista, para o qual a infraestrutura econômica seria suficiente para explicar os fenômenos sociais. Inspirados pelas contribuições de Georg Lukács, os frankfurtianos compreenderam que as relações de produção só poderiam ser analisadas em conjunto com as formas de consciência e com os mecanismos culturais que asseguram a coesão do sistema social. Desse modo, a crítica à economia política ampliou-se para uma crítica da razão e da cultura, recolocando o problema da emancipação humana em termos históricos e não meramente estruturais²⁰.

O contexto histórico que circunscreve o surgimento da teoria crítica é o da crise europeia entre guerras, marcada pelo colapso das democracias liberais, pela ascensão dos regimes totalitários e pela consolidação de um capitalismo cada vez mais administrado. Nesse ambiente, a confiança iluminista na razão e no progresso entrou em ruína, revelando a possibilidade de que a racionalidade moderna, em vez de promover a liberdade, se convertesse em instrumento de dominação. A experiência do fascismo e o fracasso das revoluções proletárias impuseram à teoria social a tarefa de repensar o próprio conceito de razão, de modo a compreender como a barbárie pôde emergir das condições criadas pela civilização técnica e científica. Foi nesse horizonte que a Escola de Frankfurt concebeu sua crítica à racionalidade instrumental: uma forma de pensamento que subordina todos os fins aos meios, dissolvendo o juízo ético e reduzindo a ação humana à eficiência e à utilidade. A partir dessa inflexão, a dominação deixa de ser apenas econômica e passa a ser também cultural e subjetiva, sustentada por mecanismos de integração e conformismo social²¹.

A consolidação do que se convencionou chamar de pós-modernidade representa o amadurecimento desse processo histórico em que a racionalidade instrumental se universaliza e passa a organizar não apenas a produção, mas também a experiência e a sensibilidade. O pós-moderno designa o momento em que a lógica da eficiência e da utilidade, antes circunscrita ao domínio técnico e econômico, invade a esfera da cultura e da vida cotidiana, dissolvendo as fronteiras entre necessidade e desejo, trabalho e lazer, ser e parecer. Trata-se de uma etapa em que a razão iluminista, tendo perdido sua pretensão emancipatória, converte-se em forma de administração estética da existência, integrando os indivíduos ao sistema por meio do

²⁰ JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 83–133.

²¹ JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 83–133.

consumo e da imagem²². O desencantamento do mundo, que no início da modernidade se manifestava como libertação do mito, reaparece agora como fetichização da técnica e do prazer, instaurando uma sociedade em que a liberdade coincide com a escolha entre equivalentes e a crítica é absorvida como mercadoria²³.

A diáspora provocada pela ascensão do nacional-socialismo em 1933 marcou profundamente o desenvolvimento intelectual do grupo. O exílio nos Estados Unidos expôs os frankfurtianos a um novo modelo de organização social, em que o avanço técnico e o consumo de massa assumiam papel central na legitimação do sistema²⁴. A observação desse contexto permitiu a Adorno e Horkheimer formular a hipótese de que o domínio não mais se sustentava apenas pela coerção política ou econômica, mas também pela produção cultural²⁵. A indústria cultural, conceito elaborado em *Dialética do Esclarecimento*, expressa essa mutação: a racionalidade técnica, que prometia emancipar, converte-se em instrumento de padronização e controle. O esclarecimento, ao pretender libertar o homem do mito, transforma-se em mito, reproduzindo a submissão sob a aparência de liberdade. A razão, esvaziada de conteúdo crítico, passa a operar como meio de adaptação e reprodução, convertendo o indivíduo em consumidor de formas e significados previamente administrados. Em suma, a dominação moderna no ocidente manifesta-se menos pela repressão direta do que pela integração sistemática da consciência às estruturas de produção e consumo²⁶.

O exame dessa dinâmica conduz à formulação de uma crítica mais ampla à pretensão de neutralidade das ciências sociais e econômicas. Para os autores frankfurtianos, não existe conhecimento desvinculado das condições históricas e institucionais que o produzem²⁷. A objetividade científica, ao excluir a reflexão sobre seus próprios fundamentos, converte-se em ideologia. Essa constatação tem consequências diretas para a compreensão da economia pós-moderna: o discurso da

²² JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 317–347.

²³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 17–51.

²⁴ JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 83–133..

²⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 113–158.

²⁶ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 113–158.

²⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 37-39.

eficiência e da racionalidade técnica opera como forma de legitimação da ordem existente, mascarando as relações de poder que a sustentam²⁸.

No interior desse processo, a experiência estética perde sua autonomia e converte-se em um dos principais veículos de integração social. A mercantilização das formas simbólicas e a difusão massiva de imagens transformam a sensibilidade em instrumento de reprodução ideológica e o que se apresenta como multiplicidade é, em verdade, a homogeneização das formas de percepção e julgamento. Essa tendência, descrita por Adorno e Horkheimer como consequência direta da razão instrumental, manifesta-se na substituição da reflexão crítica pela fruição imediata e na domesticação da arte pela lógica da troca. A cultura, convertida em mercadoria, elimina a distância necessária à formação da consciência, promovendo a adaptação dos indivíduos a um mundo que já não lhes oferece alternativas substantivas. Essa condição, que se acentua nas sociedades pós-industriais, constitui a base sobre a qual se erguem as dinâmicas culturais e econômicas da pós-modernidade²⁹.

Encerrando esse percurso, observa-se que o mérito da Escola de Frankfurt reside na elaboração de uma crítica interdisciplinar da pós-modernidade, capaz de apreender o nexo entre racionalidade, técnica e dominação. Ao recusar tanto o determinismo econômico quanto pretensões utópico-revolucionárias, os autores frankfurtianos delinearam uma forma de pensamento que mantém viva a tensão entre razão e história. Essa postura dialética não busca substituir a racionalidade moderna por um novo sistema normativo, mas revelar as contradições que a constituem. A crítica à razão instrumental implica, portanto, uma recuperação do momento negativo do pensamento — aquele que resiste à reconciliação imediata entre sujeito e objeto e preserva a possibilidade de reflexão sobre a totalidade social. A pós-modernidade, ao intensificar os processos de reificação e estetização, confirma a persistência das formas de alienação que a teoria crítica havia antecipado. A partir dessa constatação, a análise da cultura e da arte torna-se via privilegiada para compreender a sobrevivência da dominação na esfera da sensibilidade.

²⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 11–13.

²⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 113–158.

4. KITSCH E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ESTÉTICA

Inculca-se ao espectador sua própria mediocridade como mérito: ele deve ansiar pelo dia em que seja coroado pelo prêmio Mr. Average Costumer

— Theodor W. Adorno

A crítica da racionalidade moderna encontra em Adorno seu desdobramento mais rigoroso na esfera da estética. A arte torna-se o campo mais privilegiado para revelar as contradições da razão que a mutilou. A análise adorniana da cultura não se restringe à denúncia moral da massificação ou da vulgaridade do gosto, mas procura evidenciar como os produtos simbólicos participam da mesma lógica de dominação que estrutura a economia e a técnica. A indústria cultural surge, nesse contexto, como a expressão mais acabada da conversão da razão em instrumento: o espírito é suprimido ao processo de reprodução social e a obra de arte perde sua autonomia ao ser integrada ao circuito mercantil. O exame do *kitsch*, por sua vez, permite compreender de que modo a estetização generalizada e o consumo de imagens operam como formas de adaptação subjetiva, nas quais o prazer se converte em aceitação. A partir dessas determinações, a estética deixa de ser um domínio separado e se torna crítica imanente da sociedade, expondo as mediações entre cultura, economia e consciência³⁰.

A noção de indústria cultural designa, em Adorno, um sistema de produção e difusão de bens simbólicos submetido à lógica da mercadoria. O princípio de padronização, próprio da produção industrial, passa a reger também o campo da arte e do entretenimento, que se organizam segundo critérios de eficiência, previsibilidade e controle de públicos. O que caracteriza a indústria cultural não é apenas a massificação dos conteúdos, mas a sua integração orgânica a um aparato técnico-administrativo que define formas, ritmos e intensidades da recepção. A diferenciação entre gêneros, estilos e produtos é reduzida a combinações seriadas de elementos intercambiáveis, de modo que a diversidade aparente encobre a uniformidade estrutural. A cultura transforma-se, assim, em extensão do sistema produtivo: um

³⁰ ADORNO, Theodor W. *Kitsch*. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45–53.

domínio em que a subjetividade é moldada segundo esquemas previamente calculados e em que a experiência estética é convertida em consumo funcional³¹.

A lógica interna da indústria cultural baseia-se na reprodução incessante do mesmo sob a aparência de novidade. Cada produto cultural é concebido de modo a repetir esquemas formais previamente validados, garantindo reconhecimento e aceitação imediatos das massas. O princípio da padronização convive com o da pseudo-individualização: o sistema introduz diferenças superficiais para preservar a ilusão de identidade, enquanto mantém intacta a estrutura de fundo que assegura a familiaridade do consumo. A variação torna-se função da repetição e o novo se converte em atualização do idêntico. Essa organização técnica da cultura responde ao mesmo princípio de racionalidade que rege a produção material: eliminar o imprevisto, reduzir o risco e maximizar a eficiência. O entretenimento, apresentado como esfera de liberdade, repete assim o modelo da fábrica, em que o tempo é administrado e o gesto é calculado. A uniformidade da oferta garante a previsibilidade da demanda, de modo que o prazer é antecipado e modelado pela forma. O consumidor, submetido a esse circuito de repetição, aprende a reconhecer o esperado e a satisfazer-se na própria previsibilidade da experiência³².

Os efeitos da indústria cultural sobre a subjetividade manifestam-se na formação de um tipo humano adaptado à repetição e à passividade. A diversão, que deveria suspender a coerção do trabalho, converte-se em sua continuação disfarçada, impondo ao lazer a mesma racionalidade da produção. O entretenimento promete alívio, mas apenas reproduz a fadiga sob outra forma, transformando a necessidade de descanso em consumo programado. A experiência estética, reduzida a estímulo imediato, perde o potencial de reflexão e de distanciamento crítico. A familiaridade das fórmulas narrativas e musicais substitui o esforço interpretativo pela segurança do reconhecimento. Assim, a cultura deixa de representar um espaço de resistência simbólica e converte-se em instrumento de integração social. O indivíduo, habituado a consumir significados prontos, aprende a desejar apenas o que o sistema pode

³¹ ADORNO, Theodor W. Kitsch. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45–53.

³² ADORNO, Theodor W. Kitsch. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45–53.

oferecer, e a própria liberdade se confunde com a adesão a padrões previamente administrados. A adaptação torna-se virtude e a conformidade, critério de sucesso³³.

O conceito de *kitsch* ocupa, em Adorno, lugar central para compreender a degradação da experiência estética na sociedade administrada. Ele um modo específico de funcionamento da sensibilidade sob o domínio da mercadoria. O *kitsch* consiste na eliminação de qualquer traço de negatividade, conflito ou ambiguidade; que são substituídos por uma aparência de harmonia e completude que produz satisfação imediata. Nesse sentido, o *kitsch*, dentro da pós-modernidade, opera como antítese da própria dialética e sua eficácia reside na capacidade de converter o sofrimento e a contradição em reconciliação ilusória, oferecendo ao público uma compensação afetiva que neutraliza a tensão entre indivíduo e sociedade. O conteúdo é subordinado à familiaridade da forma, e o prazer advém do reconhecimento sem esforço, não do encontro com o desconhecido. A função social do *kitsch* é, portanto, a de manter a estabilidade do mundo social por meio da estetização e da alienação: a beleza é transformada em conforto e a emoção em consumo. Na medida em que elimina a resistência da forma e a necessidade de interpretação, o *kitsch* confirma a primazia do idêntico, suprimindo a possibilidade de experiência autêntica e de crítica imanente à realidade³⁴.

A leitura de Walter Benjamin em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* aprofunda o entendimento do *kitsch* ao evidenciar as consequências da dissolução da aura e da transformação da experiência estética em experiência de massa. A perda da aura, entendida em Benjamin como a dissolução da unicidade e da presença irrepetível da obra, marca a transição de uma experiência estética fundada na contemplação e no ritual para uma experiência de massa mediada pela técnica³⁵. Ao deslocar o valor da obra de seu contexto de culto para o da exposição, a reprodutibilidade transforma a percepção em consumo, convertendo a arte em mercadoria simbólica e preparando o terreno para o predomínio do *kitsch*. A experiência estética, antes portadora de distância e reflexão, torna-se imediata, tátil e distraída, integrando-se aos mecanismos de reprodução cultural e à lógica de

³³ ADORNO, Theodor W. Kitsch. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45–53.

³⁴ ADORNO, Theodor W. Kitsch. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45–53.

³⁵ BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 57–68.

padronização própria do capitalismo tardio. Nesse processo, a técnica deixa de ser apenas meio de criação e assume a função de forma social, configurando um novo regime de sensibilidade no qual a beleza e o prazer estético se subordinam à eficiência.

A dimensão subjetiva do *kitsch* pode também ser elucidada pela leitura freudiana do prazer e das formações culturais. Em *O mal-estar na cultura*, Freud descreve o processo pelo qual a civilização impõe renúncias pulsionais em troca da segurança e da coesão social. A satisfação direta do desejo é substituída por gratificações mediadas, simbólicas e socialmente aceitáveis, que operam como compensações à repressão³⁶. O *kitsch* realiza essa função de forma exemplar: ele oferece ao sujeito uma via de descarga afetiva segura, isenta de conflito e de ambiguidade, na qual o sofrimento é convertido em emoção domesticada. O prazer estético é reduzido à confirmação narcísica do já conhecido, e o conteúdo é absorvido pela forma que promete conciliação. A repetição, mecanismo central do prazer substitutivo, assegura ao consumidor a ilusão de satisfação, ao mesmo tempo em que reforça o ciclo da privação. Dessa maneira, o *kitsch* participa ativamente da economia libidinal da sociedade de consumo, administrando os impulsos e transformando a renúncia em hábito agradável. O resultado é uma sensibilidade que se adapta à repressão e a reproduz inconscientemente, encontrando na previsibilidade das formas a garantia de estabilidade psíquica e social.

³⁶ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2023, p. 81–103.

5. DIALÉTICA DO CONSUMO

A dialética, em sentido amplo, constitui o método pelo qual o pensamento apreende a realidade como contradição. Diferentemente do raciocínio lógico-formal, que busca eliminar tensões e alcançar coerência interna, a dialética parte do reconhecimento de que a verdade de um objeto reside em suas determinações contraditórias. O movimento dialético é, portanto, o da exposição dessas contradições, nas quais se revelam as mediações históricas que ligam os fenômenos individuais à totalidade social. Desde Hegel, a dialética opera por negação determinada: cada momento do pensamento conserva e supera o anterior, produzindo sínteses que rearticulam os opostos. Em Adorno, entretanto, essa lógica de superação é submetida à crítica, pois a reconciliação proposta pela filosofia hegeliana é compreendida como reprodução ideal da reconciliação falsa que caracteriza a sociedade moderna. A dialética deve, assim, manter-se negativa, recusando a identidade entre conceito e objeto e expondo a distância entre o real e suas representações conceituais. Pensar dialeticamente, em Adorno, é não permitir que o pensamento apazigue o que na realidade permanece inconciliado, preservando a tensão como forma de verdade³⁷.

A dialética negativa parte da recusa do primado do sujeito e do idealismo que identifica o pensamento à realidade. Para Adorno, o sujeito nunca apreende inteiramente o objeto, e a verdade se situa justamente nesse excesso, naquilo que escapa à determinação conceitual. O conhecimento deve, por isso, voltar-se para o não-idêntico, para o resíduo que permanece não assimilado pela lógica da identidade. A filosofia, em vez de reconciliar o diverso no universal, deve reconhecer a resistência do particular às categorias que pretendem subsumi-lo. Essa recusa de totalização não conduz ao relativismo, mas à crítica imanente: é no confronto entre o sujeito e seu fracasso que a negatividade revela a estrutura histórica da dominação. A dialética negativa mantém viva a contradição, transformando-a em instrumento de conhecimento; a verdade emerge da fidelidade ao que o pensamento não consegue reduzir. Tal postura metodológica implica a denúncia do mesmo mecanismo de abstração que governa a sociedade: a equivalência generalizada que transforma sujeitos e objetos em intercambiáveis. O método dialético, ao insistir na não-

³⁷ ADORNO, Theodor W. *Introdução à Dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

identidade, revela no próprio pensamento o reflexo da reificação social e procura desarticular o poder do conceito sobre o real³⁸.

A dialética negativa encontra sua aplicação mais contundente na crítica adorniana da racionalidade instrumental, forma histórica de razão que reduz o pensamento à função de cálculo e adaptação. O processo de esclarecimento, que pretendia libertar o homem do mito e da heteronomia, converte-se, em *Dialética do Esclarecimento*, em novo mito da dominação racional. A razão, ao emancipar-se da tradição e da metafísica, volta-se contra seus próprios fins e transforma-se em tradição e metafísica. O mundo é interpretado como conjunto de objetos manipuláveis, e o conhecimento como meio de previsão e domínio. Essa inversão histórica faz com que o sujeito, antes promessa de autonomia, se torne instrumento de conservação do existente. A subjetividade é moldada segundo o modelo da autoconservação, e o pensamento, orientado por fins de eficácia, renuncia à reflexão sobre seus próprios fundamentos. A racionalidade moderna passa, então, a coincidir com a lógica do valor, regendo tanto a produção material quanto a produção simbólica. Na cultura, essa forma de razão se manifesta na padronização das obras, na previsibilidade dos conteúdos e na conversão da experiência estética em consumo controlado. A crítica da razão instrumental é, portanto, a crítica do modo como o esclarecimento, ao buscar libertar o homem da natureza, gera o domínio do homem no homem³⁹.

A contradição fundamental do consumo manifesta-se na distância entre a promessa de individuação e a padronização efetiva das formas culturais. A sociedade de consumo funda-se na promessa de que o indivíduo pode afirmar sua singularidade por meio das escolhas que realiza, mas a estrutura econômica e técnica dessas escolhas é determinada de antemão. A multiplicidade aparente dos bens esconde a homogeneidade de seus esquemas formais, e a diferença é convertida em estratégia de segmentação de mercado. A promessa de autenticidade torna-se, assim, parte do próprio mecanismo de integração: o sujeito acredita distinguir-se quando, na verdade, reproduz padrões de comportamento planejados em escritórios de publicidade da *Madison Avenue*. A busca pela identidade pessoal é conduzida pela lógica da equivalência mercantil, na qual toda diferença se reduz a variação controlada. O

³⁸ ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 119–130.

³⁹ ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 52–80.

indivíduo, ao tentar escapar à massificação, confirma-a pela via do consumo simbólico, encontrando na aquisição de mercadorias o substituto da experiência de autonomia que o sistema lhe nega. A indústria cultural fornece os signos dessa individualidade imaginária — gostos, estilos, preferências — que se sucedem em série e desaparecem com a mesma velocidade com que são produzidos⁴⁰.

O consumo cultural reproduz, em nível simbólico, a contradição fundamental da forma mercadoria: a tensão entre valor de uso e valor de troca. No âmbito da produção estética, a singularidade da obra — seu caráter de experiência qualitativa e não repetível — é submetida à lógica da equivalência. A mercadoria cultural deve parecer única, mas ser produzida e reproduzida de maneira seriada, de modo a conservar o prestígio do original sem comprometer a rentabilidade da cópia. O valor de uso, isto é, o conteúdo sensível e experiencial da obra, é reduzido a pretexto para o exercício da troca, convertendo a fruição em ato de propriedade. O consumidor busca, na aquisição de signos e estilos, a reconciliação impossível entre singularidade e pertencimento coletivo; deseja distinguir-se através de objetos que todos possuem. O prazer de consumir é o prazer de participar da equivalência, de confirmar-se como indivíduo de uma ordem em que tudo pode ser substituído. O esvaziamento do valor de uso reflete-se na sensação de insatisfação permanente: a mercadoria, ao cumprir sua promessa de prazer, revela sua vacuidade e impõe a necessidade da próxima. A dialética do consumo se manifesta, assim, como movimento irreconciliável entre desejo e frustração.

⁴⁰ ADORNO, Theodor W. O esquema da cultura de massas. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 155–159.

6. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho percorreu um arco que vai da constituição da racionalidade econômica moderna à crítica estética formulada pela Escola de Frankfurt. Partiu-se do reconhecimento de que a teoria ortodoxa, ao fundar-se no princípio da maximização e na separação entre fato e valor, naturaliza um tipo específico de racionalidade histórica — aquela que identifica verdade com eficiência e reduz o comportamento humano à consistência formal das preferências. As formulações de Marshall, Pareto e Friedman foram aqui compreendidas não como meras abstrações técnicas, mas como expressões de um projeto intelectual que transforma a matemática em critério de cientificidade. Contra esse movimento, a tradição crítica recolocou o problema da razão em seu contexto social, evidenciando o modo pelo qual o discurso econômico se converte em ideologia de estabilização e legitimação das estruturas de mercado.

A partir desse percurso, é possível indicar com maior precisão quais problemas se destacam na concepção ortodoxa da racionalidade e do consumo. Em primeiro lugar, a naturalização das preferências e do *homo economicus* apaga a gênese histórica, cultural e psíquica do desejo, tratando como dado aquilo que é produzido socialmente. Em segundo lugar, a identificação entre validade científica e êxito preditivo — levada ao limite pela metodologia friedmaniana — confunde verdade com desempenho estatístico, permitindo que uma teoria seja “economicamente correta” e, ao mesmo tempo, conceitualmente pobre. Em terceiro lugar, a performatividade da racionalidade econômica transforma o modelo em norma de conduta: ao ser adotado por governos, empresas e indivíduos, o princípio de racionalidade deixa de ser hipótese explicativa e converte-se em prescrição de comportamento, fechando o circuito reflexivo entre teoria e realidade.

O exame da indústria cultural em Adorno e da noção de *kitsch* permitiu deslocar a questão do consumo para além da função de demanda ou da expressão de utilidade individual. Na sociedade contemporânea, cultura e economia se confundem: a mercadoria adquire forma estética, e a estética é colonizada pela lógica da troca. A indústria cultural revela um processo de racionalização da sensibilidade que converte a experiência em produto e o prazer em técnica de adaptação. O *kitsch*, enquanto estética da conciliação ilusória, representa a forma acabada dessa dominação, pois oferece ao sujeito a aparência de autonomia ao mesmo tempo em

que neutraliza a possibilidade de reflexão. Nesse contexto, o consumo aparece como prática simbólica esvaziada, em que a promessa de individuação é cumprida por meio de signos culturais padronizados.

Em lugar da leitura ortodoxa, que reduz o consumo a um problema de otimização sob restrição, o trabalho sugeriu três deslocamentos principais. O primeiro é conceber o consumo como experiência sócio-histórica e estética, isto é, como forma de vivência estruturada por dispositivos culturais, técnicos e psíquicos, e não como simples resposta a preços relativos. O segundo é substituir o privilégio epistemológico do positivismo por uma perspectiva dialética negativa, que recusa a reconciliação fácil entre conceito e realidade e insiste na não-identidade entre sujeito e objeto. O terceiro é integrar a economia a uma crítica mais ampla da racionalidade, em que a questão não seja apenas “o que os agentes racionais fazem”, mas sob quais formas de razão — e sob quais mecanismos de dominação — essas ações se tornam pensáveis e desejáveis.

A dialética do consumo manifesta, assim, a inversão da promessa emancipatória da modernidade. O mesmo esclarecimento que libertou o homem do mito produziu uma nova mitologia da razão, na qual o cálculo substitui o juízo e a eficiência torna-se *éthos*. O sujeito contemporâneo acredita agir de maneira autônoma, mas suas escolhas — tanto no mercado quanto na formação intelectual — são moldadas por sistemas de significação e autoridade que antecedem sua vontade. A experiência estética, outrora concebida como exercício autônomo do juízo, é subsumida pela heteronomia da forma mercadoria. O gosto, que deveria constituir expressão da liberdade do sujeito, é moldado pelos dispositivos de produção e difusão cultural; o consumo cultural passa a ser exercício de conformidade, e não de discernimento.

Por fim, o estudo aponta para a necessidade de repensar a economia como parte de um projeto mais amplo de compreensão da verdade. A superação da racionalidade instrumental não se dará pela recusa da razão, mas pela consciência de suas contradições e pela reintrodução da negatividade na análise econômica. Pensar criticamente o consumo é pensar a própria forma de racionalidade que o sustenta; é reconhecer que a dominação se reproduz tanto nos objetos que desejamos quanto nas categorias com que os pensamos e admitir que nenhuma teoria do consumo é neutra em relação à forma de vida que ajuda a legitimar.

7. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- ADORNO, Theodor W. *Introdução à Dialética*. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2023.
- FRIEDMAN, Milton. The methodology of positive economics. In: FRIEDMAN, Milton. *Essays in positive economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.
- JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- MARSHALL, Alfred. *Principles of economics*. 8. ed. London: Macmillan and Co., 1920.
- PARETO, Vilfredo. *Manual of political economy*. New York: Augustus M. Kelley, 1971.
- SOROS, George. *The alchemy of finance: reading the mind of the market*. New York: Simon & Schuster, 1987.
- WALRAS, Léon. *Elements of theoretical economics: or the theory of social wealth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- WALLACE, David Foster. *Graça infinita*. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.